



UM AXÉ DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA DAS CIÊNCIAS E DAS TÉCNICAS E EPISTEMOLOGIA PARA MÃE BEATA DE YEMANJÁ



MARTA SIMÕES PERES

UM AXÉ DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA DAS CIÊNCIAS E DAS TÉCNICAS E EPISTEMOLOGIA PARA MÃE BEATA DE YEMANJÁ¹

AN AXE¹ OF THE POSTGRADUATE PROGRAM IN HISTORY OF SCIENCES AND TECHNIQUES AND EPISTEMOLOGY FOR MÃE BEATA DE YEMANJÁ

MARTA SIMÕES PERES²

martasimoesperes@ccmn.ufrj.br,
<https://orcid.org/0000-0001-8465-6549>

Resumo

O texto relata comunicações dos participantes da mesa *online* “Povos de Terreiro”, dedicada a Mãe Beata de Yemanjá, realizada no XIII Scientiarum Historia, Congresso Anual do Programa de Pós-graduação em História das Ciências das Técnicas e Epistemologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGHCTE-UFRJ), em 2020. O programa reúne estudantes e docentes de diferentes campos – ciências, filosofia e artes –, abrindo-se ao diálogo com saberes tradicionais. A ciência pode ser considerada uma entre inúmeras maneiras de a humanidade produzir conhecimento, de modo que diferentes epistemes possuem vocabulários, metodologias e discursos singulares.

Palavras-chave: Mãe Beata de Iemanjá. Candomblé. Lei 11.645/08. Saberes tradicionais. Propostas pedagógicas.

Abstract

This text comprises speeches of participants of an academic event table intitled “Povos de Terreiro” which was dedicated to Mãe Beata de Yemanjá, at XIII Scientiarum Historia (2020), the Annual Congress of Federal University of Rio de Janeiro History of Sciences, Technology and Epistemology Post Graduation Program. The program brings together students and teachers from different fields as Sciences, Philosophy and Technology in such a way it is opened to Traditional Knowledge. Actually, Science can be understood as one of many other paths of building human knowledge. Each episteme has its own glossary and its own methodology.

Keywords: Mãe Beata de Iemanjá. Candomblé. 11.645/08 Brazilian Federal Law. Traditional knowledge. Pedagogical proposals.

¹ The word axe comes from Ioruba language and is frequently used in Brazilian African religions practices. It means the strength and manifestation of holy power.

² Professora associada do Centro de Ciências Exatas e da Natureza, da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Introdução

“Há trinta e seis anos, eu, Mãe Beata de Yemanjá, fundei meu reinado, agora estou trabalhando com Olorum = Senhor dos astros = Deus para salvar a humanidade. Não sintam saudade de mim. Faça sua parte que eu serei feliz na eternidade.” Aderbal Ashogun postou em sua rede social essas palavras que Mãe Beata de Yemanjá lhe falou num sonho.

Presença indispensável nas marchas em defesa da liberdade religiosa na Avenida Atlântica, Praia de Copacabana, Rio de Janeiro, Mãe Beata falava com assertividade: “Não queremos tolerância. Exigimos respeito”. Vida e obra dessa grande figura humana são emblemáticas no sentido de reunir o ativismo e questões teóricas das ciências sociais nos campos do gênero, racismo e intolerância religiosa. Do mesmo modo que se rememora Chiquinha Gonzaga, Nair de Teffé, Nise da Silveira, Gal Costa, Rita Lee, é preciso falar de Mãe Beata de Yemanjá!

Este texto relata o conteúdo da mesa “Povos de Terreiro”, dedicada a Mãe Beata de Yemanjá, do XIII Scientiarum Historia, Congresso Anual do Programa de Pós-graduação em História das Ciências das Técnicas e Epistemologia (HCTE) da UFRJ, em 2020, realizado em modalidade *online*, quando vivíamos o isolamento social devido à pandemia da covid-19. Alternamos aqui as grafias Yemanjá, Iemanjá ou Yemojá.

O HCTE é o primeiro programa da UFRJ a reunir estudantes e docentes de diferentes campos, tais como ciências, filosofia e artes, abrindo-se cada vez mais à proposta de dialogar com saberes tradicionais. Afinada com o programa, a conversa visou chamar atenção para o fato de que a ciência é uma entre inúmeras maneiras de a humanidade produzir conhecimento, de modo que diferentes epistemes possuem vocabulários, metodologias e discursos singulares. Assim, por meio de uma escrita não convencional, ao costurar letra de samba-enredo, reflexões e as falas de uma conversa,

Figura 1: Pintura de Cazé, na Rua do Riachuelo, Centro da cidade do Rio de Janeiro, integrante do projeto Negro Muro, do artista e do produtor Pedro Rajão

Fonte: a autora.



busca-se instigar o leitor a se interessar e ampliar seus conhecimentos acerca da ancestralidade e das culturas de transmissão corporal, como costuma chamar Aderbal Ashogun.

Beatriz Moreira Costa, chamada de Beata desde a infância, nasceu no Recôncavo Baiano (Santiago do Iguape), onde frequentava terreiros e se identificava com Iemanjá. Na década de 1950, foi morar em Salvador com sua tia Feliciana, que era casada com o babalorixá Anísio Agra Pereira.

Mãe Beata foi iniciada pela iorixá Olga do Alaketu, princesa do Benin/Ketu. Ela se considerava “rebelde”, e militou intensamente em projetos sociais e causas ligadas à cultura, religião, direito e cidadania de populações afro-brasileiras e das mulheres. Ao se separar do marido, em 1968, sofreu preconceito na própria família, e veio para o Rio de Janeiro com seus filhos consanguíneos Ivete, Maria das Dores, Adailton e Aderbal, onde fundou o Ilê Omi Oju Arô, seu terreiro, em Miguel Couto, Nova Iguaçu (Peres, Moreira, 2014).

Em 1991, recebeu o Diploma de Personalidade de Destaque da Comunidade Negra da Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro. Recebeu também da Universidade da Cidadania Zumbi dos Palmares a Medalha de Mérito Cívico Afro-brasileiro (2005), assim como o diploma Mulher-cidadã Bertha Lutz do Senado Federal (2007) e foi presidente de honra do Criola, grupo de mulheres. Escritora, em *Caroço de dendê* (Yemojá, 2023) Mãe Beata conta em linguagem singela histórias do cotidiano, dá conselhos e fala do axé dos orixás; também publicou *Histórias que minha avó contava* (Yemojá, 2004).

Entre a militância ligada ao conhecimento e cultura tradicional e movimento negro, a dedicação ao candomblé e o trabalho na televisão, após 21 anos de práticas e obrigações como se fazia tradicionalmente, ela recebeu a outorga de mãe de santo. Mãe Beata trabalhou como costureira da Rede Globo de Televisão até se aposentar (Peres, Moreira, 2014).

Aderbal Ashogun Moreira, filho biológico de Mãe Beata e antigo colaborador da UFRJ, ressalta a urgência de que mestres mantenedores das culturas tradicionais africanas sejam reconhecidos e valorizados como fontes de saberes fundamentais no processo brasileiro de construção

histórica, política e cultural. Em 2012, ele propôs numa disciplina das graduações em dança da UFRJ, o Curso/Percurso *Oku Abó* – que quer dizer bem-vindo, em iorubá –, sobre cultura de povos de terreiro, a fim de suprir uma necessidade urgente de formação de docentes para o cumprimento da obrigação prevista no art. 26-A da lei n. 9394/96, Lei de Diretrizes e Bases (LDB), assim como nas leis 10639/03 e 11645/08 as quais tornaram obrigatório o estudo da história e cultura indígenas e afro-brasileiras dentro do conteúdo programático das disciplinas curriculares do ensino fundamental e médio. Não há, no entanto, legislação exigindo essa inclusão nos cursos de licenciatura; daí nossa preocupação. Quem vai ensinar?

A mesa desse evento acadêmico, de iniciativa de um estudante de licenciatura em química, vai ao encontro do cumprimento da legislação, uma vez que essa experiência certamente terá repercussões em sua futura trajetória de professor e na de colegas.

Desse modo, antes de relatar a fala dos participantes, é sugerido um material didático: o samba-enredo do Grêmio Recreativo Escola de Samba Império Serrano de 2024, cuja atitude de resistência se assemelha à das palavras de Mãe Beata. Como traz muitas palavras em iorubá, sua letra pode servir como ponto de partida para o estudo de um idioma que ela falava fluentemente.

Ilê-Oba Oyó: a gira dos ancestrais - Império Serrano, 2024

O samba-enredo de 2004 do Grêmio Recreativo Escola de Samba Império Serrano, composto por Aluísio Machado, Carlos Senna, Andinho Samara, Jefferson Oliveira Nunes, Carlos Ambrósio e Marcos Valença, intitulou-se “Ilê-Oba Oyó: a Gira dos Ancestrais”:

"Você conhece bem o meu Ilê
Onde mora todo axé
E os preceitos de Olorum.
Quem segue as ordens de Olodumbarê
Que governa Orum e Ayê
Tem bastia de Exu.
Irmão de Ogum, meu Pai Maior e Major dos Orixás

Quando a flecha acerta a paz
 É Oxóssi quem atira
 Salve o velho! Atotô!
 Baixou na gira, cangira de agogô!
 É minha gira.
 Quina erva no pilão Ewê Ewê
 Na infinita imensidão, Oxumarê
 Onde me faltar justiça
 Que Xangô seja juiz
 Pra lembrar que a Serrinha é resistência na matriz.
 Mamãe Oxum derrame seu poder nesse altar
 Meu povo é rebeldia de Obá
 É força e ventania de Iansã
 Rompeu manhã o sol resplandeceu
 Logunedé
 Ewá, do meu feitiço guardiã
 Caminho nos saberes de Nanã
 Yemanjá sereia! Mãe de todos os Oris
 Quem inveja a vitória não enxerga cicatriz
 Sob os olhos de Oxalá
 Verde branco no Ejé
 Assentei em Madureira todo amor do Candomblé.
 Awá o soro Ilê, Awá o soro Ilê
 Atabaque pro Alabê, é Xirê pra Orixá
 Pela fé que atravessa as revoltas do oceano
 Respeite o Império Serrano!

Embora já tenham se passado 21 anos desde a promulgação da lei 10639/03, não temos na escola aula de iorubá, como temos de inglês, o que torna mais complexa a compreensão desse samba. Aqueles que falam fluentemente iorubá, como Mãe Beata, não aprenderam o idioma em cursinho, nem na escola, nem em livros. Este conhecimento foi passado de uma geração para outra por seus corpos, junto com sua medicina, sua música, dança, mitologia... É por conta disso que Aderbal costuma afirmar que o candomblé não é religião e sim todo um sistema, uma cultura.

Inúmeros outros sambas-enredo assim como canções da música popular brasileira podem auxiliar nesse necessário enriquecimento dos currículos escolares, tratando-se aqui somente de um exemplo atual.

Sem pretensão de mais aprofundamento, sendo que há algumas palavras da tradição da umbanda, apresentamos adiante um glossário, adaptado do *Dicionário iorubá-português* (Beniste, 2019).

Ilê – roça de candomblé;
 Axé – poder, energia, força presente em tudo;
 Olorum – Deus criador de tudo, dono do Orum e Ayê, Céu
 e Terra, Senhor dos Astros;
 Olodumarê – Olorum;
 Orum – Céu, Firmamento;
 Ayê – Terra;
 Exu – Orixá da Comunicação, da linguagem, atua como
 mensageiro;
 Ogum – Orixá da tecnologia e da caça;
 Orixás – divindades do candomblé representadas por
 forças da natureza;
 Oxóssi – Orixá;
 Atotô – Saudação a Obaluaê; silêncio;
 Gira – manifestação de espíritos que se incorporam
 (umbanda);
 Cangira – divindade da guerra;
 Ewê – folha;
 Oxumarê – orixá do arco-íris, do movimento;
 Xangô – Orixá da justiça;
 Oxum – Orixá das águas doces, senhora da beleza;
 Obá – Orixá das águas fortes;
 Iansã – Orixá dos ventos e tempestades;
 Logunedé – Orixá jovial que agrupa polaridades
 masculina e feminina;
 Ewá – Orixá de matas inalcançáveis;
 Nanã – Orixá das águas paradas, pântanos e terra úmida;
 Yemanjá – Orixá das águas, do amor materno e da
 proteção feminina;
 Oris – cabeça;
 Oxalá – cultuado como maior, mais respeitado e mais
 velho dos Orixás;
 Ejé – sangue;
 Candomblé – o significado desta palavra será tratado ao
 longo de toda a conversa;
 Awá o soro Ilê – vamos fazer nosso culto;
 Alabê – Organ responsável pelo toque, conservação dos
 instrumentos e alimentação;
 Xirê – roda;

Durante o período colonial, dificilmente uma pessoa negra escravizada suportava mais que oito anos o massacrante ritmo de trabalho imposto pelo sistema *Plantation* de monocultura da cana-de-açúcar voltada para a exportação: morria ou se tornava incapacitada para o trabalho. Sem esquecer daqueles que morriam e eram atirados ao mar ao longo da aterrorizante travessia do Atlântico em navios negreiros, cantados em verso pelo poeta baiano Castro Alves.

Além de os arrancar de seu próprio chão, apagar as referências afetivas fazia parte de um projeto. Era uma prática corrente separar os casais e as famílias ao chegarem ao Brasil e não foi diferente com o bisavô e a bisavó de Mãe Beata. Ela contou, em aula ministrada na UFRJ, que o

casal se reencontrou numa festa de rua e por meio de acontecimentos dignos de um romance, acabou ficando junto de novo. Há muitas publicações que tratam da vida e obra dessa grande brasileira (Rodrigues, 2021).

Recorda-se de que na virada do século 19 para o 20, práticas religiosas afro-brasileiras eram “caso de polícia”, perseguidas e reprimidas pelo artigo 157 do Código Penal de 1890, que previa punição para “o espiritismo, a magia e seus sortilégios”.

Dá para imaginar a força que tem uma cultura que sobreviveu a tantos impedimentos, açoite, miséria, humilhação, contra tudo e contra todos, e ainda consegue manter, no terceiro milênio, pessoas falando iorubá com fluência, sem pastas, livros ou computador?!

O encantamento por essa cultura chegou a Lucas, licenciando em química, que mediou a mesa apresentada adiante.

Povos de terreiro no XIII Scientiarum Historia

Intitulada “Povos de Terreiro”, essa foi a mesa com mais axé de todo o congresso. Todos em condição de enclausuramento, dela participaram Lucas Lial, licenciando em química, Ronald Duarte (artista e servidor da UFRJ), Sergio Bairon, livre-docente do Núcleo Diversitas da Universidade de São Paulo e professor visitante da Universidade de Stanford/California, Ceila Portilho Maciel, bailarina e doutora em Estudos da Performance pela Universidade Federal de Goiás/GO, Clarisse Mantuano, cineasta, Aderbal Ashogun e Wagner de Ogun, ogans do candomblé, e Ana de Oxum, ialorixá. Com a maior fidelidade possível, relatamos em seguida suas falas.

*

Ronald Duarte: Boa noite a todos, boa noite a todas e a todos, agradecendo o convite para um momento tão ímpar de, aproveitando uma palavra do Ique da mesa anterior, de tentar amalgamar tantas diferenças, tantas riquezas, sem precisar apagar ninguém, porque vamos discutir justamente o momento de agora, nesta mesa em que falaremos

dos povos tradicionais de terreiro e toda essa riqueza que sempre foi velada, sempre foi alijada das universidades, das instituições. Estar aqui, agora, eu, que sou da UFRJ e sou filho de Mãe Beata de Yemanjá há mais de 30 anos do Ilê Omi Oju Arô, sou ogan de Oxum e aparodé de Oxóssi, e sou irmão de Cláisse, porque também, filho de Xangô Ayrá, então me sinto muito à vontade de estar abrindo esta mesa para apresentar Cláisse Mantuano, Aderbal Ashogun e nossos parceiros do candomblé, a ialorixá Ana de Oxum e Wagner de Ogum, todas essas pessoas brilhantes que estão sempre escondidas e vão falar hoje neste momento, para discutir uma questão primordial que é esse conhecimento dentro da universidade, olhar num mesmo horizonte os griôs.

O mestre Aderbal Ashogun, que tem muito para nos falar, e nossa cineasta querida, Cláisse Mantuano, de Ayrá, que também sou. Muito bem-vindos todos, é um prazer estar aqui, boa noite. E dedicamos este momento, esta mesa, a minha querida Mãe Beata de Yemanjá, que ela está aqui junto conosco, ela está nos ouvindo, ela está participando, e a Exu, que vai coordenar a mesa, porque é ele que é dono da comunicação.

Laru Exu, Laru Exu! Vamos lá, Lucas!

Lucas Lial: Boa noite, pessoal, eu sou Lucas, do Instituto de Química (da UFRJ), e para a abertura de nossa mesa, eu gostaria de iniciar com um poema e, em seguida, também vamos ter uma bênção do professor Sergio Bairon, da USP:

vida	<p>Em busca de esperança: Em um momento obscuro da vida</p> <p>Onde as sombras da incerteza Recobrem a esperança de um dia melhor / Sentado Agoniado me coloco a chorar Um momento em que viver É ser e não ser Mas que não se sabe a questão</p> <p>Um momento Em que um sopro de vida Mostra que na verdade A vida se vai em um sopro No suspiro dos que nos disseram adeus Sem poder na verdade uma palavra se falar</p>
------	--

Neste momento de fragilidade
 Escuto um atabaque soar
Bum bum
 Neste momento
 Meu corpo arrepia
Bum bum
 A conexão com o universo se firma
Bum bum
 Escuto então
 Um forte brado ecoar
 Neste momento
 Sinto a chegada do meu orixá
 Sua força e poder
 A certeza de que me encontro no colo do sagrado
 Com o coração acelerado
 Vejo um lindo pássaro em minha mão se aconchegar
 Ali tenho a certeza/
 De que tudo há de melhorar
 No tempo
 Em que o tempo se mostra necessário
 Para as feridas curar
 Mas eu sei
 Isso vai passar
 Com respeito aos que nos deixaram
 Acendo uma vela
 Pedindo que nos guiem
 Pedindo que as estrelas voltem a brilhar (Lucas Lial).

Sergio Bairon: Obrigado pelo convite. É um prazer enorme estar aqui e participar, ainda que virtualmente, dessa mesa tão importante sobre culturas tradicionais. Eu queria também saudar meu grande amigo Aderbal Ashogun, queria saudar também o Ronald Duarte, a Clarisse Mantuano, a Ana de Oxum, o Wagner de Ogum. Esta mesa de que vocês participam é importantíssima porque, de fato, na minha opinião, a grande revolução pela qual a universidade contemporânea pode passar e “deve” passar é a revolução do contato cada vez mais frequente, cada vez mais profundo, com as culturas orais, com as tradições orais. É fundamental que isso aconteça, é fundamental que as universidades começem a trabalhar cada vez mais com cotas, com políticas afirmativas. Eu coordeno um núcleo na Universidade de São Paulo que se chama Diversitas, que tem professores de várias unidades, quase 40 professores de várias unidades da USP; nós temos uma pós-graduação e nós decidimos de uns dois anos para cá, começar a aprofundar a questão, radicalizar a questão das cotas, e atualmente 80% dos estudantes que entram para a pós-graduação são negros, indígenas, trans, apátridas, refugiados e deficientes.

Essa estrutura, essa mudança estrutural na universidade é fundamental e sempre, com parceiros, evidentemente, contando com parceiros como Aderbal Ashogun, Ana de Oxum, Wagner de Ogum e tantos outros que representam, expressam, na verdade, representam, não, “estão”, “são” a cultura oral, estão a cultura tradicional.

Acrescentando ainda o desejo, a esperança de que a universidade se modifique estruturalmente para que possamos ter a presença desses corpos todos diversos na universidade, mas principalmente da cultura oral, da cultura oral afro-brasileira, da cultura oral afro-indígena e da cultura oral indígena, fazendo parte da nossa formação, da universidade, como parte da formação das crianças, das próximas gerações; estudar na escola tanto a cultura europeia quanto, eu diria, também, “principalmente”, esses encontros culturais que as culturas afro-brasileiras, afro-indígenas, indígenas, representam. Desejo aqui muito axé para esta mesa, para todos vocês, grande abraço, um beijo em todos vocês, foi um prazer!

Lucas: Agora com a bênção do nosso querido e amado professor Sergio, eu gostaria de trazer para a mesa, falar um pouco sobre a história do candomblé, que as pessoas que fazem parte dessa religião, dessa cultura, tenham essa voz neste momento de fala. Estou convidando Dona Ana de Oxum e Wagner de Oxum. Fiz uma entrevista com eles e aprendi muito, e será rodada aqui [é passada a gravação da entrevista]:

Ana: Boa noite a todos.

Wagner: Boa noite a todos. A bênção.

Lucas: Como vocês pensam e enxergam o que se passa quanto a toda essa falta de respeito que vemos nos jornais, que os povos de terreiro vêm passando? Como vocês acreditam que isso pode ser mudado?

Ana: Eu acho que tinha que estabelecer leis e elas serem cumpridas, porque se nós vamos ser agredidos e não vai acontecer nada, não tem como; do jeito que está, não pode continuar. Nossa fé, isso merece respeito. Senão as coisas não vão caminhar. Minha mãe já passou por isso, teve terreiro invadido, e hoje estamos vivendo isso de novo; como vai ficar para os meus netos, isso vai continuar mais 30 anos?! Não pode! Sentimos

como o nosso Ubá sendo quebrado e isso dá uma dor em nossa alma. Sofremos a dor que ele está sentindo ali, porque aquilo ali é a essência do santo.

Wagner: A grande mídia abre espaço para as religiões, mas ela é tendenciosa. Eles manipulam e só mostram o que é interessante para um pequeno grupo. Hoje, o que notamos é a desinformação, a grande mídia abre espaço para a religião evangélica, católica, mas para a nossa, não. Tem que se disputar um tempinho para essa informação, porque nossa religião é oral, passada pelo contato oral. E temos nossos segredos.

Ana: Dentro dos nossos terreiros.

Wagner: Tem pessoas que acham que é normal agredir. Eu não saio daqui para agredir outras religiões como aqui já se fez. É esta mentalidade que nós gostaríamos de passar. Reza no seu templo.

Ana: E que nossos governantes tomem uma postura diferente, mesmo que sejam de outra religião, o direito de um é o direito de todos, e pronto. É isso aí!

Lucas: Como vocês buscam trazer a essência dos orixás para este plano?

Ana: Utilizamos atabaque, caxixi, adjá. (...) Todos esses instrumentos tocados numa sala de candomblé, há um envolvimento, eles geram uma energia maravilhosa e aí aquele trabalho espiritual fica cada vez mais forte, com muito envolvimento, porque com todos esses instrumentos juntos numa sala de candomblé, o efeito é maravilhoso.

[É passado no vídeo um ritual com canto e instrumentos no terreiro deles]

Lucas: Falando em vibrações, na química, vemos isso como uma forma de movimentação que as moléculas realizam. Para a sua cultura, o que representa a vibração espiritual?

Ana: Vibração espiritual para mim é o som do atabaque na sala de candomblé, adjá tocando, o orixá. Aquela energia ali naquele momento é tão forte que envolve a todos. E aquela energia circula, vem nas pernas da gente, nosso corpo arrepia, nosso coração bate acelerado, aquela energia é tão forte, que todos sentem aquela presença e temos a satisfação de saber que não estamos sozinhos, que existe energia para nós ali, nos complementando, nos dando força; nossa fé fica enorme e, aí sim, sabemos que cada coração é de um orixá.

Lucas: Qual a importância da dança para o ritual de vocês?

Wagner: Nós entendemos que a dança é a representação visual da história do orixá, da vida do orixá, do momento do orixá, envolvendo suas guerras, sua passagem por nós aqui, é uma coisa assim, ela não é efêmera não, ela é palpável, você sente o desenvolvimento da dança; mesmo que você não entenda o que está sendo dito, você acompanha aquilo e se reporta àquele momento da história. Então, você vê passando o orixá, os orixás se encontrando nessa dança.

*

[Passada a palavra a Ronald, que diz que Cláisse é sua cineasta predileta e lhe pergunta como surgiu a maravilhosa ideia de fazer um filme sobre Mãe Beata de Iemanjá e como andam as produções para o término]

Cláisse: Mãe Beata, ela sobretudo é muito necessária para o Brasil de ontem, para o Brasil de hoje, e para o Brasil que virá em algum momento, porque a história dela resume tudo de importante e de terrível que nos fundou; então vai desde a aberração que foi o sequestro das famílias africanas; ela tem uma memória histórica disso muito importante, que muito pouca gente tem, da avó que contou para a mãe, que contou para ela. Das gêmeas que morreram no barco e chegaram aqui no Brasil, enfim, essa história toda; e também para mostrar como essas mães pretas, diante de todo esse horror, refundaram um Brasil de encantamento e têm esse poder de refundar as pessoas a cada dia. Por exemplo, eu entrei para fazer esse filme, eu ganhei uma mãe, que era ela, eu ganhei meu companheiro de vida, eu ganhei três filhos, porque é a dinâmica das coisas; são coisas que não entendemos, e só agora, com isso tudo formado e com ela já tendo completado o ciclo dela na Terra, é que vamos conseguir fechar esse ciclo do filme que é o ciclo da história dela.

Ronald: E o mais interessante, Cláisse, é que você fala de dentro. Você viveu, você mergulhou. A sua vida é o candomblé, você tem a neta de Mãe Beata que tem o nome dela, é sua filha, olha que privilégio e que coisa linda essa mistura de que você fala; você fala de cadeira. Quer dizer, você é a cineasta perfeita para falar sobre Mãe Beata. Fico todo arrepiado; estou todo emocionado aqui, Cláisse, e acho que é muito legal você falar também não só dessa necessidade da presença da força de Mãe Beata neste Brasil de hoje, mas também tudo o que ela representa, o que ela traz, e continua você falando, senão eu que vou ficar dando a palestra...

Clarisse: É maravilhoso, porque é isso, Ronald, porque, ao falar em Mãe Beata, estamos falando sobre nossa família, a pessoa que nos recivilizou. Você, que é artista plástico, branco, eu também, branca, então começa por aí; é muito educativo, brancos dentro de um candomblé que mostra o quê? o princípio de uma sociedade mais justa, o princípio de uma sociedade mais igualitária, o princípio de uma mulher preta ali na liderança, um complexo cultural tão importante quanto o complexo greco-romano, e entendemos que só podemos construir isso estando lá dentro, porque quem está fora nunca vai entender o que é o candomblé de fato. Vão fazer muitos filmes antropológicos... mas isso não é importante. Se você chega numa casa e não é para mostrar, é porque não é importante mostrar naquela hora; aquilo é para sentir, porque as dinâmicas de mundo são diferentes. É uma alternativa de mundo diferente deste mundo que está levando o planeta ao esgotamento de seus recursos. Os povos tradicionais – não só os povos de candomblé, os povos tradicionais da Terra – têm essa alternativa para nos dar, e a história do filme é a minha história, de uma pessoa que se envolveu com isso. Depois virei uma ebomi dentro de uma comunidade e só tendo completado esse meu ciclo, eu tendo passado pela escola, pelo meu mestrado, tendo me formado dentro do candomblé é que eu vou estar apta para terminar esse filme. Não seria uma formação audiovisual que me daria ferramentas para isso. Eu acho que por isso Exu não deixou. Para mim, a linguagem do documentário, diferente da ficção, é muito dinâmica, ela vai mudando, vai acontecendo na hora, porque quando você faz uma entrevista, nem sempre o entrevistado vai responder àquilo e às vezes te leva para outros caminhos. E você tem que estar preparado, porque é aquela dinâmica do que está acontecendo ali naquele momento, e o candomblé fala conosco o tempo todo. Poder fazer um documentário estando em sintonia com os sinais que aprendemos dentro de um espaço de uma comunidade de terreiro, podendo ter essa formação, esse olhar, esse enquadramento, é muito importante, poder ter essa visão audiovisual que o candomblé nos traz. Não é o que a escola alemã traz, as escolas de artes plásticas, porque elas são todas

eurocentradas; a academia, por um defeito mesmo da sociedade racista em que vivemos; na faculdade, ninguém sabia a diferença entre banto e iorubá, e eu falava, gente, aqui no Brasil, isso é não saber a diferença entre inglês e francês, é um absurdo. A nossa educação e a nossa cultura caminham em caminhos completamente díspares. Então, eu acho importante quando pessoas de dentro de um terreiro de candomblé vêm para mostrar uma coisa que teoricamente é um saber branco da academia, eurocentrado, mostrar que ali dentro existe outra linguagem, outro saber, uma coisa original que tem que ser mostrada de acordo e que as coisas podem dialogar, mas têm que dialogar de igual para igual, não é de baixo para cima. Nós, de candomblé, não somos menos do que nenhum filósofo francês; a diferença é que as pessoas não conhecem nem a nossa história, nem a nossa cultura, e eu sou muito grata à Iyá e a essa família toda que me acolheu e pôde me trazer essa alternativa de esperança para um mundo melhor; eu acho que o candomblé sobretudo é isso. E traz a não compartimentação de saberes, a ligação com a natureza, com a filosofia, com o conhecimento, com a arte, e o audiovisual é tudo isso também.

Ronald: É verdade, é muito interessante a sua fala. Na mesa anterior, o Ique [Ique Larica Gazzola, cineasta, artista visual, hoje residindo em Portugal] estava falando de cinema, de montagem, de vídeo, e você dar esse depoimento de olhar... não de um especulador, mas de vivência de vida, da sua vida. É muito importante trazer à baila para as universidades, trazer para mostrar o quão rico, o quanto esse conhecimento, como você disse, parece que eles vivem em mundos díspares, e se encontram. Acho que esse é o momento de encontro e discussão. Fiquei muito emocionado com a fantástica fala do professor Bairon, por conta da diversidade que ele consegue agregar, de indígenas, de negros, trans, todas essas diferenças; esse olhar seu é um olhar que vem descolonizar, de estar dentro, uma branca que se mete numa família, que tem filho, que vive e se mistura totalmente.

Clarisse: E saber que não é porque você é jornalista, porque você é artista, que você vai chegar lá sentando na cadeira. Lá, você é criança, você está chegando naquela hora, então senta no chão e aprende esse conhecimento e aprende até com o fato de estar sentando no chão. Isso, no audiovisual, me dá um olhar de criança. Durante muitos anos da minha vida, eu fiquei vendo, conhecendo as pessoas pelo pé, de baixo para cima, e isso é uma coisa que eu vou ter que usar no meu filme, esse olhar de quem está sentado no chão vendo aquelas pessoas grandes, lindas. No candomblé, quando se vira ebomi, depois de tantos anos sentadinho ali, e senta na cadeira, você já vê com outro olhar, olhar de quem está tomando conta, e o primeiro ciclo seu é o ciclo do grande encantamento, do seu grande reencontro com você mesmo, com aquela natureza, isso graças a todos esses mestres e mestras que estão lá. Então, é muito importante, o candomblé ensina com muita delicadeza e muito carinho aos brancos a saber respeitar e se colocar num lugar de não privilégio, isso é muito educativo para pessoas que acham que não são racistas, mas sempre estiveram num lugar de privilégio.

[Ceila fala brevemente da tese defendida recentemente sobre a descolonização epistemológica dos saberes do corpo e continua]

Ceila: Abiã (uma criança), filha de Oxóssi, eu seria (nesta mesa) “um olhar de fora”, pegando a deixa da fala da Clarice, o olhar da “branca privilegiada”. E, ao mesmo tempo, aquela que entrou na academia para, digamos, como guerreira, com meu pai Oxóssi, para batalhar pelos espaços dos saberes tradicionais, dos saberes ancestrais, dos saberes sempre, desde a colonização, excluídos dessa ciência, da educação, da pesquisa... Então, a minha grande “briga”, porque foi quase uma guerra, eu diria, na academia, para conseguir espaço para falar dessa importância e procurar transgredir os cânones e o método tradicional, dessa epistemologia eurocêntrica, branca, patriarcal, racista, muito racionalista (...). Queria pegar um gancho da Dona Ana, em relação à espiritualidade, pensando também na questão da dança, mas trazendo um pouco a noção de transcorporeidade, que desenvolvi na tese (Maciel, 2004). Noção

que tem várias dimensões e várias constelações de saberes que eu procura abranger, mas que, na verdade, vêm muito desta experiência, desta existência nas práticas de outros saberes, de outras matrizes. E a questão da espiritualidade nesse atravessamento de muitos corpos, muitos corpos presentes fisicamente e outros corpos, fala um pouco dessa questão do *religare*. (...) Nos vejo, na sociedade, muito distantes dessa conexão com as nossas corporeidades, assim como com as nossas raízes e saberes transculturais e transcorporais (...) fator determinado pelo sistema educacional que vai nos moldando dentro de modelos de saberes que não são os nossos e são muito distantes dessa conexão, desse *religare* com a nossa natureza original.

[A palavra é passada a Aderbal Ashogun Moreira]

Aderbal: Laroye Exu!... Boa noite! Prazer estar aí de novo, com professores parceiros de longa data, nesses saberes e conhecimentos originais da humanidade, saberes eurocêntricos, com meu companheiro de arte e arte contemporânea, Ronald, organ lá de casa, organ de Oxum. Inicialmente, eu saudei Exu, e gostaria de começar falando sobre o eixo da comunicação, em que tive o prazer de relembrar meu amigo Sergio Bairon; atuamos juntos na defesa da lei de mestres e mestras, em defesa da comunicação inclusiva, para os pobres e comunidades tradicionais; trabalhamos juntos em espírito e matéria, soubemos transbordar e penetrar, espalhar nosso conhecimento. Eu acho que temos obrigação de fazer isso; isso é a verdadeira universalidade; existem pessoas na academia que não se acomodam, e eu costumo dizer que a força motriz é a insatisfação, é isso que me leva para a frente, e quando eu penso nisso eu penso que para essas coisas começarem a acontecer no Brasil, eu faço a provocação: o candomblé “não” é religião e não é mesmo. O que nós temos mais parecido com a religião é a medicina holística, quântica, e nós temos nossos mestres, nessa medicina, que são as yalorixás e os babalorixás, o nível mais alto de conhecimento na minha cultura, a cultura em que eu vivo, a cultura em que eu penso; é a cultura que me mantém vivo, e quando falamos nessas mudanças, principalmente na área de

comunicação, nós temos que avançar muito ainda. Primeiro, é necessário a descolonização do conhecimento; acho que você não pode comunicar, principalmente como os povos tradicionais vêm sendo articulados, porque comunicar é articular. Se não se tem uma articulação séria, não vai se conseguir propor ferramentas digitais de comunicação e articulação para os povos tradicionais, sendo que essa é a ferramenta mais tradicional em nossa diáspora, é a maior ferramenta de conhecimento e de seres na face da Terra, é uma diáspora africana. Nessa ferramenta, nunca houve uma proposta, neste Brasil, pelo menos nos últimos 30 anos, eu penso que a faculdade andou para trás. Tivemos uma liberdade entre um primeiro ou segundo grupo político, um pouquinho mais de liberdade, e não se andou, mas um conjunto de ações paliativas que vêm acontecendo. Estou com 55 e desde os 20 anos eu estou brigando, são 35 anos e ainda não consegui. Se temos uma lei de cotas séria, que ela dê apoio aos estudantes na alimentação, no transporte, condição de estudo, senão, isso não é avanço. Se você não tem uma lei que introduza os restos de conhecimentos tradicionais, alguns com 100 anos de serviços prestados de manutenção do patrimônio, material comunitário, quando se tem uma lei 10.639/2003, que está fazendo 17 anos [naquele momento, em 2020], e nunca foi implementada em escola, por conta de uma Igreja que julga comandar a verdade, então começamos a colocar o dedo na ferida, chegamos a uma universidade fechada em si mesma, que não reconhece o conhecimento original da humanidade, que veio dos povos tradicionais, e isso não está posto na universidade, como podemos propor a lei 10.639? Como, se não temos professores preparados para atuar dentro de uma escola desde o jardim da infância? Mostrando que, se formos falar sobre Oxum, teremos que falar a respeito de quem primeiro cumpriu a fertilidade, de quem primeiro viu o reflexo, quem primeiro descreveu com simplicidade, mas com ferocidade, o que é o elemento água, que é o elemento mais belo, o elemento da vida. Eu penso que temos que sair dessa área de conforto que é a religião. Na religião, tudo acontece porque é magia, tudo acontece porque é fé; se estou passando mal, acuso que pegarei o santo e não! Essa ciência, esse conhecimento, chegou aqui no

Brasil, se apurou pelo excesso do feito pela sociedade matriarcal, que acolhe, e o Brasil não utilizar esse conhecimento é de uma mediocridade, de uma ignorância, de um racismo, de uma violência geral. Nessa tríade perversa, tem a universidade, tem as igrejas, tem um sistema de comunicação, tem um sistema político embranquecido, brutalizado, violento, com as instituições que ele comanda, e na parte de baixo ficam os pseudointelectuais, pesquisadores que dão suporte a essa situação. Essa é a grande verdade. Eu trabalhei e estou trabalhando há 30 anos em um programa de cultura e diversidade cultural, reconhecimento de mestres, a lei dos mestres, a Lei Cultura Viva, que é o maior movimento de cultura, talvez do mundo, que sofreu ataques de pessoas que buscavam a apropriação desse assunto.

Mais uma camada da espiral...

O candomblé é um complexo cultural com métodos próprios de transmissão de conhecimentos transversais como, por exemplo, quando se canta uma música, se ensina um idioma, uma história, uma filosofia. Desse modo, mais que um único culto religioso, consiste numa gama de cultos aparentados, agrupados em chamadas nações. Mais de 400 divindades eram cultuadas na Nigéria e no Benim. No Brasil, são reconhecidas algumas dezenas de orixás, sendo que cada um é ligado a um aspecto da natureza ou da humanidade. Embora as festas (toque) sejam seu aspecto mais conhecido, existe no candomblé toda uma visão de mundo da qual fazem parte medicina, danças, cantos, instrumentos, alimentação, mitologia, calendário. Daí Aderbal Ashogun afirmar que o candomblé não é (somente) uma religião e que se trata de culturas de tradição corporal, e não somente oral. O conhecimento científico está contido, contemplado, em diálogo com esse complexo.

Olhando para a história da cidade, João do Rio reuniu em livro um conjunto de reportagens da *Gazeta de Notícias* de 1904 na então capital federal, no qual afirmou que, “ao ler os grandes diários, imagina a gente que está num país essencialmente católico, onde alguns matemáticos são

positivistas" (apud Conduru, 2010, p. 178-203), mas bastava parar em qualquer esquina para se perceber que a cidade pululava muitas religiões. Em *Os candomblés antigos do Rio de Janeiro – as nações Kêtu: origens, ritos e crenças*, de 1994, Agenor Miranda Rocha (apud Conduru, 2010, p. 178) explica que "o termo candomblé é também genérico, pois engloba 'nações' diversas, tais como Angola, Kêtu, Congo, Jêje, Ijexá, Grunci", entre as mais conhecidas. Enquanto Agenor pode ser considerado alguém que fala "de dentro", João do Rio não era iniciado.

As relações entre Rio de Janeiro e Bahia sempre foram estreitas, tendo se mantido e crescido com o passar do tempo. Segundo Tiago de Melo Gomes (apud Conduru, 2010, p. 180), os baianos dialogaram com tradições já existentes e com outros grupos recém-chegados ao Rio, de modo que a experiência na corte, depois capital, é multifacetada, mas é inquestionável a existência de fortes vínculos entre as comunidades de candomblé do Rio de Janeiro e da Bahia, estabelecidas e preservadas desde o século 19.

Conduru (2010) relaciona três momentos do candomblé do Rio de Janeiro, sendo o primeiro, da segunda metade do século 19 à década de 1930, marcado pela constituição de comunidades na região central da cidade. No segundo, entre os anos 1930 e 1960, dá-se a transferência de algumas delas para o subúrbio e a Baixada Fluminense. As décadas de 1950 e 1960 são consideradas os "anos de ouro" do candomblé no Rio de Janeiro, pois as festas nos subúrbios se tornaram famosas e atraíam pessoas das elites. A partir de 1960, ocorre nova migração de baianos para o Rio de Janeiro. Foi quando se estabeleceram outras comunidades Ketu, originadas das tradicionais casas baianas, do Alaketu da Bahia veio Beata de Iemanjá e Delinha d'Ogum, que fundaram seus terreiros em Miguel Couto, Nova Iguaçu; e Janete d'Oxum, na Ilha do Governador.

Este texto consiste em mais um ciclo da espiral de encontros da rede da qual fazemos parte, na qual comungamos a admiração por um ser humano reluzente que transmite conhecimento ancestral e, simplesmente, amor. Movidos pela certeza da importância desse gigante

que ela foi, é e será, temos necessidade de falar de Mãe Beata, pois é um modo de espalhar o que ela ensinou.

Isso não se aprende na escola, não se convence pela argumentação, nem se prova em laboratório nem por fórmulas. “Apenas” sentimos. Isso não quer dizer que não se pode dialogar com a matéria da escola. As referidas leis devem sair do papel e virar conteúdo de sala de aula!

Aqui, no entanto, trouxemos algumas sugestões e as falas da mesa do evento acadêmico, sem intenção de esmiuçar o tema com profundidade, mas antes de estimular o leitor a buscar mais fontes. Assim como foi sugerido o samba-enredo de 2024 do Império Serrano para tratar de conteúdos de história e literatura, nem a matemática deve ficar de fora.

O oráculo utilizado por Mãe Beata, com búzios, lança mão da matriz matemática para combinar os números indexados pelas conchas abertas e fechadas de cada caída. O número das conchas em determinada posição remete a um Odu, que representa uma encyclopédia oral da experiência dos ancestrais. Ou seja, o jogo de búzios consiste num oráculo matemático que se manifesta pela combinação de números, como as matrizes, como são chamadas todas as tabelas A, formadas por números reais distribuídos em ‘m’ linhas e ‘n’ colunas. Sejam esses dois números ‘m’ e ‘n’ naturais e não nulos, por meio da matriz, são combinadas histórias que se ligam à vida do consulente.

O princípio filosófico dos búzios trata, como na teoria do eterno retorno, de Nietzsche (2001), só que muito mais antigo, não do futuro, mas de experiências passadas que potencialmente se repetem. Enquanto o paradigma da ciência ocidental trabalha com a ideia de começo e fim, os povos de terreiro têm uma visão circular da existência, que contempla começo, fim... e recomeço. Nesse tempo ancestral de que falam os búzios, as forças encantadas da natureza que formaram o universo recebem o nome iorubá de orixá.

Ao mesmo tempo que sua sabedoria transmitia firmeza, vigor, confiança, os olhos vivos de Mãe Beata de Yemanjá mais pareciam de uma criança curiosa, sempre aberta a aprender. Que sigamos aprendendo com ela e com os povos de terreiro. Axé!

Referências

BENISTE, José. *Dicionário yorubá-português*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2019.

CONDURU, Roberto. Das casas às roças: comunidades de candomblé no Rio de Janeiro desde o fim do século XIX. *Topoi*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, p. 178-203, jul.-dez. 2010.

MACIEL, Ceila Portilho. *Transcorporeidade e saber: narrativas performativas e indisciplinares por uma descolonização epistêmica*. Tese (Doutorado). Faculdade de Ciências Sociais. Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2004.

NIETZSCHE, Friedrich. *A gaia ciência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

PERES, Marta Simões; MOREIRA, Aderbal Ashogun. Percurso Oku Abó no Contexto da Lei 10.639/2003: Complexo Cultural dos Povos Tradicionais de Terreiro na UFRJ. *Polêmica*, v. 13, n. 4, p. 1617-1638, 2014.

RODRIGUES, Felipe Fanuel Xavier. Literatura e sabedoria ancestral na obra de Mãe Beata de Yemonjá. *literafro. Portal da literatura afro-brasileira*, 2021. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br>. Acesso em 10 set 2023.

YEMOJÁ, Mãe Beata de. *Caroço de dendê. A sabedoria dos terreiros*. 3 ed. Ilust. Raul Lody. Rio de Janeiro: Pallas, 2023.

YEMOJÁ, Mãe Beata de. *Histórias que a minha avó me contava*. São Paulo: Terceira Margem/Cesa – Sociedade Científica de Estudos de Arte, 2004.

Recebido em: 20 de abril de 2024

Aceito em: 05 de julho de 2024